

VISÕES E VIVÊNCIAS DO BEM-VIVER PARA ESTUDANTES INDÍGENAS DOS POVOS ATIKUM, BANIWA, DESSANO, PANKARARU E WASSU-COCAL

VISIONS AND EXPERIENCES OF GOOD-LIVING FOR INDIGENOUS STUDENTS FROM THE ATIKUM, BANIWA, DESSANO, PANKARARU AND WASSU-COCAL PEOPLES

Marcos José de Aquino Pereira¹
Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano²
Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal³
Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa⁴
Josineide Jacilda da Silva Atikum⁵
Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu⁶

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre em Educação pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL). Graduado em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu-SP. E-mail: marcosdiaquino@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2753-1656>.

² Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), membra do Centro de Culturas Indígenas da UFSCar (CCI) e participante do grupo de pesquisa Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indigagem Abiayla (NALDEIA). Pertencente ao povo Dessano. E-mail: anacleide44@estudante.ufscar.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-4533-6567>.

³ Graduanda em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), membra do Centro de Culturas Indígenas da UFSCar e participante do PET Indígena – Ações em Saúde e do grupo de pesquisa Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indigagem Abiayala (NALDEIA). Pertencente ao povo Wassu-Cocal. E-mail: anapaulaalvessilva@estudante.ufscar.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-5808-1269>.

⁴ Graduando em Fisioterapia na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), membro do Centro de Culturas Indígenas da UFSCar e participante do PET Indígena – Ações em Saúde e do Grupo de Pesquisa Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indigagem Abiayala (NALDEIA). Pertencente ao povo Baniwa. E-mail: ferreiraivanildo@estudante.ufscar.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7171-7776>.

⁵ Graduanda em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), membra do Centro de Culturas Indígenas da UFSCar e participante do Grupo de Pesquisa Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indigagem Abiayala (NALDEIA). Pertencente ao povo Atikum. E-mail: vanessajacilda@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-0064-859X>.

⁶ Graduanda em Gerontologia na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), membra do Centro de Culturas Indígenas da UFSCar e participante do Pet Ações em Saúde Indígena e do Grupo de Pesquisa Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indigagem Abiayala (NALDEIA). Pertencente ao povo Pankararu. E-mail: elynaide@estudante.ufscar.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3838-3831>.

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48

RESUMO

Este artigo, em formato de relato de experiência, utilizando a pesquisa autobiográfica, apresenta as visões e as vivências de estudantes indígenas da Universidade Federal de São Carlos sobre o Bem-Viver de seus povos, utilizando a metodologia de pesquisa narrativa para relatar as memórias de suas comunidades. Para uma melhor compreensão desse conceito, fazemos uma breve explanação e fundamentação teórica através de autores e autoras, em sua maioria, indígenas. Também são feitas reflexões sobre as vozes indígenas que se manifestam neste texto, pensando o Bem-Viver em suas práticas e possibilidades, diante dos desafios urgentes e decisivos para o futuro da humanidade e da vida no planeta, para o que os conhecimentos milenares dos povos originários de vida em equilíbrio e harmonia entre todos os seres podem ser a chave para a mudança.

PALAVRAS-CHAVE: bem-viver; estudantes indígenas; povos indígenas.

ABSTRACT

This article, in an experience report format, presents the visions and experiences of indigenous students at the Federal University of São Carlos about the Good-Living of their peoples, using the narrative research methodology to bring the memories of their communities. For a better understanding of this concept, we make a brief explanation and theoretical foundation through authors, mostly indigenous. Reflections are also made on the indigenous voices that manifest themselves in this text, thinking about Good-Living in its practices and possibilities, in the face of the urgent and decisive challenges for the future of humanity and life on the planet, for which the millenary knowledge of the originating people life in balance and harmony among all beings can be the key to change.

KEYWORDS: good-living; indigenous students; indigenous people.

1. PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

A escrita deste artigo partiu do encontro entre um pesquisador não indígena e cinco pesquisadores estudantes indígenas de cinco povos diferentes, do grupo de pesquisa “Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indiagem” (Naldeia), que se reúne mensalmente na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e tem entre os seus objetivos estudar, debater e pesquisar sobre temáticas e autores(as) indígenas visando revisibilizar conhecimentos, epistemologias dos povos originários (BANIWA, 2006),

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48

promovendo assim o diálogo intercultural em dois âmbitos, entre indígenas de diversos povos e entre esses(as) e não indígenas.

Nas reuniões do Naldeia percebemos que a temática do Bem-Viver, em suas múltiplas designações, tem permeado diversos textos, assuntos, discussões e práticas que envolvem os povos indígenas. Assim, iniciamos um debate sobre quais visões e vivências cada estudante indígena trazia de suas comunidades acerca do Bem-Viver. Esse rememoração e diálogo ensejou reflexões que culminaram neste texto.

Dessa forma, apresentamos algumas conceituações que partem da bibliografia disponível, priorizando autores(as) indígenas sem excluir autores(as) não indígenas, traçando algumas relações que se referem à sua origem andina, desenvolvimento e aplicações em sociedades indígenas e não indígenas, bem como a sua presença e variantes entre povos indígenas no território atualmente chamado brasileiro.

A seguir, após algumas ponderações metodológicas, passamos a apresentar os relatos do(as) estudantes indígenas, sobre as visões e vivências do Bem-Viver de seus povos e suas próprias.

Ao final tecemos considerações no sentido de identificar pontos de aproximação entre as visões e práticas do Bem-Viver dos cinco povos pesquisados, elementos que ampliam nossas perspectivas sobre esse conceito e as relações e as possibilidades que vislumbramos de sua difusão e aplicação diante dos desafios que se apresentam na atualidade para as sociedades indígenas e não indígenas.

2. O BEM-VIVER

Quando nos referimos ao conceito Bem-Viver, sob uma abordagem reflexiva e crítica, é necessário termos em mente que se trata de uma construção histórica e intercultural que tem como base a adequação e o desenvolvimento de conceitos milenares

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48

dos povos originários por intelectuais indígenas e não indígenas da contemporaneidade, de forma que:

Na década de 1980, essa não era uma boa palavra; o mundo acadêmico [não] suspeitava de sua existência, e menos ainda o mundo político. Muitas pessoas, quando falavam e tentavam explicá-la, zombavam com termos pejorativos, mas depois de 30 anos de persistência, hoje tentam entendê-la, com o perigo de tergiversar, simplificar, traduzir mal, subordinar às lógicas do pensamento ocidental e a paradigmas de vida da tendência do desenvolvimento-progresso (YAMPARA, 2010, p. 19-20).

Assim, para termos uma compreensão mais profunda das significações assumidas pelo Bem-Viver é fundamental partirmos dos conceitos originais dos quais ele é derivado, com o entendimento de que não se restringe a *sumak kawsay* ou *suma qamaña* dos povos andinos Kéçhua e Aymara respectivamente (GUDYNAS, 2011), os mais mencionados quando se trata de sua origem, mas se relaciona a perspectivas semelhantes presentes entre diversos povos da Abiyala⁷.

Podemos encontrar como exemplo no território chamado brasileiro: *nhandereko katu* e *nhandereko marangatu* dos povos Guarani, com significados múltiplos em torno de modo autêntico de ser bom e modo de ser virtuoso, com registro da palavra *reko* em escrita de 1639⁸ (GUDYNAS, 2011; REGAZZONI, 2010); e *me mã kinh, kam me kuni kinh*, situação harmônica, equilibrada e ordenada que agrada e deixa as pessoas felizes, dos Xikrin, habitantes do estado do Pará (GORDON, 2014). Vemos também em outras partes do continente os conceitos: *küime mongen*, entendido como viver harmonioso, dos Mapuche da região sul do Chile (GUDYNAS, 2011); *shiir waras*, ou paz doméstica e

⁷ Nome dado pelo povo Kuna ao território depois chamado de América e já utilizado antes da invasão europeia, que na sua língua significa *a terra madura, a terra viva ou a terra em florescimento* (CELENTANI, 2014; MIGNOLO, 2005; ROSA, 2019), o qual optamos por utilizar marcando nossa perspectiva decolonial a qual defendemos e adotamos.

⁸ Obra do padre jesuíta António Ruiz de Montoya (1585-1652), intitulada “Conquista espiritual hecha por los religiosos de la compañía de Jesus en las provincias del Paraguay, Parana, Uruguay e Tape”, de 1639 (MONTEIRO e BORGES, 2011).

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10-48

harmoniosa, dos Ashuar do Equador (DESCOLA, 2019), entre outros. Um levantamento realizado em 2020, abarcando as produções acadêmicas desde 2013, revelou que foram identificados 37 povos indígenas do chamado território brasileiro que possuem conceitos ou elementos relacionados ao Bem-Viver (GUERRA *et al.*, 2023).

Segundo Solón (2019), o Bem-Viver engloba cinco elementos principais: 1) uma visão do todo, em que todos os seres estão interligados entre si e com a Terra-Mãe; 2) a convivência na multipolaridade e diferença; 3) a busca de um equilíbrio entre os seres vivos; 4) a complementaridade na diversidade; e 5) uma perspectiva decolonial e alternativa às visões ocidentais.

Para Hidalgo-Capitán e Ana Patricia Cubillo-Guevara (2014), existem três vertentes principais do Bem-Viver: a socialista e estadista, que privilegia a equidade social, deixando as questões ambientais, culturais e identitárias em segundo plano e se notabilizou pela inclusão do Bem-Viver nas constituições nacionais do Equador e Bolívia; a ecologista e pós-desenvolvimentista, caracterizada pelo destaque à preservação da natureza e à construção participativa do viver comunitário, incluindo demandas e aspirações de movimentos e grupos sociais; e a indígena ou Pachamamista, que dá relevância à autodeterminação dos povos indígenas incluindo elementos espirituais da cosmovisão dos povos originários andina, como Pacha Mama e outras divindades. Destacamos que essa divisão não é estanque, havendo permeabilidade e intercâmbios entre as visões e os(as) pensadores(as).

Dessa última vertente, temos a visão de Macas (2010, p. 22-23, tradução nossa) sobre o Bem-Viver, na qual:

Para os povos indígenas ou nações originárias, esse conceito é o produto de todo um acúmulo histórico milenar, que provém de suas vivências de milhares de anos atrás, assim como das experiências de luta de resistência de nossas organizações. [...] é uma proposta, produto de seu processo de luta e mobilização constante. Mas esse modo de vida, o Sumak Kawsay, origina-se como o centro da vida comunitária, é a

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10-48

essência do sistema de vida comunitária e se explica no exercício e na prática cotidiana das comunidades; é o elemento fundamental da matriz civilizatória de nossos Povos, que ainda é válido apesar da interrupção violenta da colonialidade e a agressão do modelo capitalista⁹.

Para David Choquehuanca (2010, p. 10, grifo do autor), o Bem-Viver tem como significado recuperar a vivência dos povos indígenas, como ele afirma:

recuperar a Cultura da Vida e, recuperar nossa vida em completa harmonia e respeito mútuo com a mãe natureza, com a Pachamama, onde tudo é VIDA, onde todos somos *uywas*, criados da natureza e do cosmos, onde todos somos parte da natureza e não há nada separado, onde o vento, as estrelas, as plantas, a pedra, o orvalho, os morros, os pássaros, o puma, são nossos irmãos, onde a terra mesma é a própria vida e o lar de todos os seres vivos.¹⁰

Nessa perspectiva, também autores e autoras indígenas do território chamado brasileiro abordam a temática do Bem-Viver, como Ailton Krenak (2020), que entende esse conceito em sua derivação do conceito andino *Sumak Kawsai*, que para ele é:

uma expressão que nomeia um modo de estar na Terra, um modo de estar no mundo. Esse modo de estar na Terra tem a ver com a cosmovisão constituída pela vida das pessoas e de todos os outros seres que compartilham o ar com a gente, que bebem água com a gente e que

⁹ Tradução nossa do texto original: “Para los Pueblos Indígenas o las Naciones Originarias, este concepto es producto de todo un acumulado histórico milenario, que proviene de sus vivencias de hace miles de años, así como de las experiencias de lucha de resistencia de nuestras organizaciones. [...] Es una propuesta, producto de su proceso de lucha y de la movilización constante. Pero este modo de vida o el Sumak Kawsay, se origina como el centro de la vida comunitaria, es la esencia del sistema de vida comunitaria y se explica en el ejercicio y práctica cotidiana de las comunidades, es el elemento fundamental de la matriz civilizatoria de nuestros Pueblos, que aún tiene vigencia, a pesar de la interrupción violenta de la colonialidad y la agresión del modelo capitalista.”

¹⁰ Tradução nossa do texto original: “recuperar la Cultura de la Vida y, recuperar nuestra vida en completa armonía y respeto mutuo con la madre naturaleza, con la Pachamama, donde todo es VIDA, donde todos somos *uywas*, criados de la naturaleza y del cosmos, donde todos somos parte de la naturaleza y no hay nada separado, donde el viento, las estrellas, las plantas, la piedra, el rocío, los cerros, las aves, el puma, son nuestros hermanos, donde la tierra es la vida misma y el hogar de todos los seres vivos”.

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48

pisam nessa terra junto com a gente. Esses seres todos, essa constelação de seres, é que constituem uma cosmovisão (KRENAK, 2020, p. 6).

Márcia Kambeba (2020, s.p.), ao trazer essa reflexão para a nossa realidade diz que “o Bem-Viver na Amazônia requer essa compreensão de uma filosofia indígena e ao mesmo tempo amazônica que visa fortalecer em todos que se propõe a conhecer o entrelace das mãos e a sintonia com os saberes da Natureza” e que leve às práticas solidárias com “a partilha do bem em forma de alimentos, proteção, do cuidado com amor e da relação afetiva entre homem e natureza. É possível viver o território do afeto, bem como é possível tornar-se um território do afeto e do sagrado”.

O escritor indígena Daniel Munduruku (2022, s.p) pondera que mesmo com as diferenças entre si, os povos indígenas têm uma fonte semelhante de bem-estar, pois desenvolveram a pedagogia do Bem-Viver, que traz a ideia de que somos seres inteiros e integrados já que: “nosso corpo e mente são uma coisa só. O ocidente ensinou a gente a separar o corpo e a alma, o bem e o mal, mas entendemos que somos uma integração disso tudo. Os nossos saberes nos levam a buscar esse equilíbrio cada vez mais”, afirmando que o “Bem-Viver é a ideia de que somos coletivos. Ou nos realizamos por igual ou a vida não é justa”.

Diante disso, em nossas reflexões ao escrevermos esse texto, percebemos que as nossas visões sobre o Bem-Viver filiam-se à perspectiva indígena ou Pachamamista, de maneira mais próxima daquela apresentada pelos(as) pensadores(as) indígenas do território chamado brasileiro, em que se leve em conta que o autor e as autoras indígenas também trazem os elementos característicos do Bem-Viver de seus povos, que serão esboçados a seguir.

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10-48

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Partindo dessa nossa intenção de apresentar as visões e vivências do Bem-Viver pelas vozes de indígenas, e entendendo que a narrativa oral é uma forma milenar de construção de conhecimentos dos povos originários (KAINGANG, 2013; KRENAK, 2019; MUNDURUKU, 2019), optamos pela utilização da pesquisa narrativa autobiográfica (ABRAHÃO, CUNHA e VILLAS BÔAS, 2018) como metodologia, no formato de relato de experiência, já que a “experiência acontece narrativamente. Pesquisa narrativa é uma forma de experiência narrativa” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p. 49). Como tal, pode se valer para isso de escrita autobiográfica, escrita de diários, notas de documentos, fotografias, caixa de memórias, histórias de vida e outras possibilidades (SAHAGOFF, 2015), como “um processo de aprendizagem para que se possa pensar narrativamente, para que se atente para as vidas, enquanto vividas narrativamente” (SAHAGOFF, 2015, p. 2).

Assim, “a narrativa, em seus diversos modos de expressão – oral, escrita, imagética, videográfica – mobiliza processos reflexivos, conhecimentos e, assim, pesquisadores/as e sujeitos se formam em partilha, tendo como fios dessa formação as questões de estudo tematizadas” (BRAGANÇA, 2018, p. 68) em que “as narrativas tecidas a partir de experiências do vivido são sempre (auto)biográficas, pois trazem a vida ou fragmentos da história de vida dos participantes” (BRAGANÇA, 2018, p. 70), de forma que:

Ao trabalhar com metodologia e fontes dessa natureza o pesquisador conscientemente adota uma tradição em pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e integrado, em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento. Por esta razão, sabe-se, desde o início, trabalhando antes com emoções e intuições do que com dados exatos e acabados; com subjetividades, portanto, antes do que com o objetivo (ABRAHÃO, 2003, p. 80).

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10-48

Diante disso, as informações apresentadas na próxima seção têm como base os conhecimentos e as vivências das pessoas autoras indígenas deste artigo sobre os seus povos e por nós pesquisadas tendo sido escritas por cada estudante indígena do povo originário a que pertence. A isso somaram-se as suas leituras de pesquisas realizadas sobre essas temáticas.

4. RELATOS DE VISÕES E VIVÊNCIAS DO BEM-VIVER

4.1. POVO ATIKUM

O povo Atikum, localizado no sertão pernambucano, fica a 500 quilômetros da capital de Pernambuco, a Grande Recife. Os relatos aqui descritos ocorrem na Serra Umã, localizada no município de Carnaubeira da Penha, vizinha da Serra do Jacaré e Serra do Arapuá, onde fica o povo Pankará. Vale destacar que, em cima da Serra Umã, ficam localizadas as aldeias, como por exemplo a aldeia sede, aldeia samambaia, entre outras. O Bem-Viver para o povo Atikum é baseado principalmente na relação harmoniosa entre a natureza e a conexão com os encantados de luz¹¹ durante a prática dos rituais sagrados: um dos mais comuns é o Toré.

O Toré é praticado em muitos lugares, como nas escolas. Ele deve ser praticado preferencialmente descalço, para obtermos força e conhecimento diretamente da mãe-terra, tendo assim também contato com as forças superiores, nossos protetores, Pai Tupã, Mãe Tamain e demais encantados de luz. Porém esse ritual é praticado principalmente nos lugares sagrados como a Pedra do Gentio¹², onde realizamos também outros rituais

¹¹ Seres espirituais ou lideranças que já morreram, mas que ainda visitam a aldeia.

¹² Foi realizado um documentário em formato de vídeo sobre a Pedra do Gentio, com depoimentos de Anailde Maria de Jesus, avó materna de uma das autoras, indígena e anciã do Povo Atikum, e de Luzimar Leite, indígena do Povo Atikum, sendo que no início da filmagem é possível ver partes do local e ouvir o canto do Toré. Disponível em: <https://youtu.be/g0M0c-3gjRg>. Acesso em: 02 nov. 2023.

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48

sagrados como trabalhos fechados, para cumprir promessas ou fortalecer nossa cultura através desses costumes.

Minha avó materna, Anailde Maria de Jesus, comenta de um momento em que viu alguns encantados de luz, chamado por nós de Caboclos e uma cobra encantada, que é um ser espiritual conhecido por proteger a Pedra do Gentio. Contam os mais velhos da aldeia, que essa cobra é uma indígena que se encantou e se transformou na cobra na época das invasões, pois, havia se refugiado no local.

Ao praticarmos os rituais sagrados, eventos fechados promovidos pelo pajé e as lideranças da aldeia, estamos tendo a oportunidade de um contato direto com a natureza. Podemos vivenciar o real sentido do Bem-Viver na prática durante a realização dos rituais, mas também nos costumes mais comuns do povo, como por exemplo, a época de plantio e colheita de alimentos, durante a produção de farinha.

Minha avó relata que na época em que ainda funcionava a casa de farinha, ela e demais mulheres sempre cantavam nossos toantes durante a produção, aquele momento era descrito como Bem-Viver para nossas líderes mais velhas.

Durante uma conversa com o meu ex-professor de Matemática e Química, Oseas Diocleciano, indígena do Povo Atikum, que ainda hoje reside na comunidade na aldeia Samambaia, e ainda leciona na escola indígena na qual me formei, tive a oportunidade de me aprofundar mais no tema, sobre o que é o Bem-Viver para o nosso povo. Ele trouxe destaque para o fato de o Bem-Viver ter muita relação com a paz mútua que transita na aldeia, de não vivermos mais em conflito com os fazendeiros, de termos a autonomia de desfrutar e cuidar da nossa Mãe-Terra, da forma que sempre lutamos para conseguir nossas conquistas. Então, o Bem-Viver está ligado muito mais ao sentido espiritual e cosmológico, de que temos nosso próprio modo de considerar e enxergar as coisas.

Eu sinto o Bem-Viver principalmente nas minhas vivências durante a prática do Toré sentindo e absorvendo a energia da terra, ao cantarmos os nossos toantes no balanço do maracá, no apito do Pajé chamando nossos encantados de luz, e também no momento

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10-48

em que bebemos a Jurema sagrada, que nos dá força para praticarmos os rituais e receber em nosso corpo algum encantado de luz, no nascimento das crianças, realizado pelas parteiras dentro da aldeia, nos banhos que tomamos com as ervas medicinais, nos momentos de benzimentos quando saímos para o mundo exterior, para que não estejamos expostos ao mau-olhado, ou a receber algum tipo de espírito que venha a fazer mal a nós e às demais pessoas ao nosso redor, nos momentos em que debatemos sobre nossos costumes em sala de aula, fortalecendo nossos saberes ancestrais e incentivando as futuras gerações a buscar sempre formas de fortalecer nossa cultura.

Eu vejo que o Bem-Viver, atualmente, para nós, povos indígenas, está um pouco enfraquecido, partindo da ideia de que ele está diretamente ligado ao viver bem espiritualmente e mentalmente, pois estamos em um cenário de luta constante, por nossas terras, por nossos direitos que estão sendo violados, pelo preconceito que enfrentamos por estarmos ocupando espaços na sociedade não indígena, o que sempre aconteceu, mas estamos no século XXI, e ainda temos que lutar para mantermos nossos direitos.

Eu acredito que o Bem-Viver para os não indígenas não tenha o mesmo significado para nós, pois somos uma cultura que considera todo o planeta a ferramenta principal para o Bem-Viver, cuidando sempre do nosso território, por isso ele tem um papel fundamental para a população em geral. Está muito além de apenas uma definição pessoal de “viver sem problemas”, “comer bem”, “ter muito dinheiro”, é algo significativo e importante para o nosso espiritual. Bem-Viver tem muito mais a ver com espiritualidade, alimentar a alma, do que algo supérfluo. Eu penso que Bem-Viver não deveria ser só para nós, povos indígenas, mas para todos os povos, todas as religiões, algo de muito importante para termos uma sociedade harmoniosa, em que acima de tudo as pessoas se respeitem, unam forças.

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48

4.2. POVO BANIWA

O nome Baniwa foi dado pelos não indígenas nos tempos coloniais a todos que falavam o tronco linguístico *Aruak*, como os *Koripakos* e *Wakuenai*, que estão presentes nas fronteiras do Brasil com a Colômbia e a Venezuela. A sociedade Baniwa é organizada em fratrias ou conjunto de grupos locais como os *Maulieni*, os *Mulé-dakenai*, os *Hohodene*, os *Walipere-dakenai*, os *Dzauinai* e os *Adzanene*. Nas terras brasileiras, os Baniwa se encontram ao longo do Alto Rio Negro, no rio Içana e seus afluentes como o Cuary, Aiari, Piraiauara, Cubaté e no baixo rio Xié e Uaupés, localizado no município de São Gabriel da Cachoeira, a cidade mais indígena do estado do Amazonas e do Brasil.

Com isso, sou indígena *Hohodene* e meu nome de benzimento é *Dzawimaka*, que significa “lugar de onça ou onde as onças habitam”, fazendo parte desse grande coletivo e sociedade indígena conhecido como Baniwa e dando continuidade à resistência e à resiliência dos povos originários dessa terra que antes de se chamar Brasil já tinha nome, o Pindorama.

Além disso, o Bem-Viver é algo mais profundo do que a forma física e da tradução literal para a língua portuguesa, é o fundo imaterial ou espiritual que traduz a forma de vida que os Baniwa devem seguir nesse plano ou dimensão que estamos, para que não sigamos caminhos ou forma de vida que nos levem para o mal e, conseqüentemente, praticar o mesmo ao próximo e, mais tarde, acabar fazendo mal a nós mesmos.

Depois de muitas conversas, debates e leituras durante a “I Conferência Baniwa e Koripako sobre Educação e Organização Social”, realizada entre 21 e 24 de setembro de 2016 na comunidade Tunuí Cachoeira na Terra Indígena Alto Rio Negro no município de São Gabriel da Cachoeira, estado do Amazonas, foi produzido um relatório sobre nossas experiências como povo Baniwa, do qual podemos perceber, para o nosso povo, o Bem-Viver são resultados de várias e boas ações praticadas no dia a dia e que o contrário disso são os maus viveres, viver em ou com problemas, ou seja, ações inadequadas de uma pessoa, de um povo ou de uma nação, que têm ou terá resultados maléficos.

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10-48

Segundo as reflexões realizadas durante essa conferência, o Bem-Viver vem de *ipedzokhetti*, palavra que, traduzida para o português, significa amor. Amor esse ao mesmo tempo como uma ação permanente, fixa, segura, e também ampla, forte, poderosa, impermeável, sólida e divina, representando apenas coisas boas, positivas e benéficas.

O pesquisador do meu povo chamado André Baniwa, escreveu em 2019 o livro “Bem-Viver e viver bem segundo o povo Baniwa no noroeste amazônico brasileiro”, no qual ele nos ensina que o Bem-Viver é *matsia permaka*, o que significa “bem-ficar”, “bem-conviver”, “bem-ter”, “boa-imagem”, “bom-humano”, “bom-exemplo”, “bom-trabalhador”, “boa-cultura”, “boa-saúde”, dentre outros. Essas denominações, segundo a cultura Baniwa, só acontecem com conhecimento, arte e sabedoria, *ianhekhetti*, que são consequências de estudos, ações e práticas do dia a dia realizadas nas comunidades ou onde um Baniwa esteja presente. Bem-Viver e viver bem não são criações recentes do homem, são *midzaka*, ou seja, são a essência do ser humano desde a origem do mundo e do próprio homem indígena e não indígena na Terra.

Entendemos que o amor não é fácil de ser alcançado, muito menos praticado pelo homem, ainda mais atualmente. A palavra amor não é um verbo e, por isso, é inconfundível, pois sendo o resultado de um conjunto de boas ações, é algo acabado, pronto e arraigado. O que se conjuga na língua portuguesa é o verbo amar: eu amo/*nopedzo*, tu amas/*pipedzo*, ele/ela ama/*lipedzo*, nós amamos/*wapedzo*, vós amais/*ipedzo*, eles/elas amam/*napedzo*. Ela aparece como se fosse produto da conjugação permanente do verbo amar, que resulta em amor, *ipedzokhetti*. Para nós, Baniwa, é como se fosse ouro purificado ou mel puro, por exemplo, algo totalmente sem impurezas. Portanto, o Bem-Viver é desenvolvido e praticado através do amor/*ipedzokhetti*, por meio da conjugação permanente do verbo amar.

Assim, para nós, indígenas, o amor/*ipedzokhetti* só pode ser descrito como *mawadzakakadalitsa*, aquele que nunca acaba ou que não tem fim, podendo ser algo cíclico, como as estações do ano. Amor/*Ipedzokhetti* é *midzaaka*, o que significa que ele

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10-48

foi deixado pelo Criador do mundo e da humanidade, Heeko ou Dío, sendo aquilo que ninguém criou, pois sempre existiu, existe e sempre existirá. Mas precisa ser aprendido, precisa ser usado e praticado, é preciso se dedicar a isso, pois quanto mais praticamos, mais fácil será. Heeko é aquele que criou tudo, é a fonte de tudo, o dono do amor/*ipedzokhetti*, também pode ser conhecido pelos ocidentais como Deus ou Criador do universo.

Portanto, o amor/*ipedzokheetti* não é qualquer coisa, ele é divino e não deve ser perdido, não deve ser esquecido, ao contrário, deve ser praticado todos os dias pela humanidade. Na cultura e na tradição Baniwa, depois da criação perfeita do mundo com Bem-Viver e viver bem, feita por Heeko, houve contaminação e destruição por meio da desobediência, destemperança e imprevidência do homem. Para reorganizar a vida da futura geração, *walimanai*, depois da intemperança, surgiram personagens espirituais Baniwa importantes, como Napirikoli, Dzooli e Eeri, além de Amaro, Kowai e Kaaly, que garantem as formas de vidas milenares que foram destruídas e que estão novamente em processo de reconstrução e responsáveis também pela parentalidade dos Baniwa.

Em oposição ao Bem-Viver, o mal viver, *maatsi pemaka*, é uma produção da natureza humana que vai contra a Natureza Divina, sendo uma relação de desarmonia consigo mesmo, com a natureza, com o indivíduo e com o coletivo, ou seja, viver mal é viver em um estado de desequilíbrio no intrínseco e no extrínseco, trazendo consequências que irão refletir tanto no interno quanto no externo. Como por exemplo, as brigas e guerras, *inoakakhetti*, os ciúmes, *ikeriakhetti*, a inveja, *ikemakhetti*, os maus desejos, *maatsiperitsa piomaka pikaale*, a raiva, *iroatti maatsidali*, a imoralidade sexual, *madzeekatatsa makatsa pidaki iyo*, a ambição egoísta, *iomakhetti hanipa phiome lirhiowawatsa*, entre outros.

A prática do Bem-Viver, dentro do meu povo, é milenar e ancestral, acontecendo no compartilhamento de alimentos, frutas, caças e peixes dentro da família e entre a comunidade, no grande coletivo Baniwa, para as pessoas do mesmo povo e para povos

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10-48

vizinhos que moram em outras comunidades ao longo do Rio Aiari. Aqui a reciprocidade é cíclica, cada família ajuda a outra quando necessita de alguma coisa, faz trocas com o que tem, por exemplo, trocas de farinha, tapioca, beiju por carnes de caça, peixes ou frutas silvestres. É uma forma de troca, sem comercializar e sem usar o dinheiro do não indígena propriamente dito, pois o dinheiro, assim como as pedras “preciosas” como o ouro ou o diamante, por exemplo, corrompe os corações do homem e deixa-o cego.

Dessa forma, buscamos praticar a solidariedade, a fraternidade e a caridade, virtudes que nem todo povo indígena ou não indígena praticam, pois é muito mais fácil ser egoísta nesse mundo capitalista e sem empatia e amor ao próximo. Um exemplo disso são as moradas dos não indígenas nos apartamentos, nas casas ou nos condomínios, onde tudo é fechado com senhas digitais e câmeras de segurança, para que não seja visto e nem que veja os necessitados nas ruas passando e, caso veja, fecha os olhos e o coração e, passa direto com seus carrões de luxo. Aí deixo uma questão para refletir: será que o homem moderno está seguro, com liberdade, ou está trancafiado dentro das suas mentes fechadas?

Além das trocas que são realizadas entre as famílias e a comunidade, existe o processo de preparo desses alimentos, como por exemplo, a farinha de mandioca. Começa desde o momento em que se escolhe onde vai fazer o roçado, o tipo de terra e a mata que vai derrubar, se é mata virgem, onde ninguém ainda fez a roça, ou capoeira, nome denominado por nós uma mata que não é mais virgem, onde já foi realizado uma roça e agora tem árvores pequenas e fáceis de derrubar. Logo após a mata ser derrubada, espera por alguns dias para ser queimada, depois vem o plantio das manivas de diferentes tipos, podendo também plantar outros tipos de plantas frutíferas, como a macaxeira, cana-de-açúcar, milho, abacaxis etc. Depois do plantio, espera por uns meses para poder colher ou arrancar as mandiocas, para serem preparados, fazendo uma mistura de mandioca dura com mandioca mole, que é deixada por setes dias na água, para poder secar ou exprimir

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48

no tipiti, depois ser peneirado e torrado ou “cozinhado” num grande forno utilizando lenhas para enfim sair a farinha.

As festividades e celebrações também acontecem na época das frutas como açai, patauá, bacaba, ucuqui, pupunha etc., uma forma de agradecimento à *Heekoapinai*, à natureza ou ao mundo. Essa festividade é chamada de *dabucuri* ou *pudali*, onde os homens fazem o papel mais de força física, indo em busca dessas frutas, envolvendo a complexidade de procurar na mata, subir nos pés, debulhar e carregar até a comunidade, para depois ser amontoado na casa de celebrações para serem divididas entre famílias e, mais tarde, novamente é compartilhado nesse salão, já pronto pelas mulheres, para que todos possam desfrutar desses alimentos, tanto pelos homens, como pelas mulheres e pelas crianças indígenas Baniwa. Portanto, a motricidade indígena também está presente no Bem-Viver, em que todos os movimentos do corpo individual e coletivo são importantes para a prática da qualidade de vida desse povo, durante todos os dias e todos os anos aqui na Terra, para que tenha continuidade dessas vidas indígenas.

Além das festividades, também praticamos as nossas rezas e benzimentos quando um *keramu*, recém-nascido, chega a este mundo, para que seja protegido o corpo, o espírito dessa criança assim como dos pais, pois quando uma criança nasce, também “nascem” os pais, visto que vão aprender a cuidar e a proteger esse(a) filho(a), principalmente das entidades, encantados e espíritos da natureza que possam fazer algum mal, por isso, os mais velhos, os anciãos, benzedeiros ou pajés cercam o seu corpo e benzem tudo o que forem se alimentar, principalmente dos peixes chamados de lisos, como surubim, peixe elétrico, mandí, piraíba etc., assim como benzer também o que os forem fazer, por exemplo, o marido não pode fazer esforço físico extenuante, como derrubar uma roça, carregar lenhas ou fazer canoa nesse período, assim como a mãe não pode carregar mandioca, fazer farinha, beiju, tapioca etc., pois a criança recém-nascida vai sentir e vai chorar muito, podendo até ficar doente. Portanto, os pais devem se resguardar nos primeiros meses, seguir e respeitar os conselhos dos mais velhos, dos avós,

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10-48

para que a criança não sofra nessa fase da vida, que inclusive faz parte do Bem-Viver e viver bem dessa família e desse povo.

Por fim, também existem momentos em que os jovens Baniwa fazem atividades que requerem força física, mas que fortalecem o espírito utilizando brincadeiras como jogar futebol, vôlei, queimada, capturar bandeira, pega-pega, remar na canoa e nadar nas cachoeiras, além de outras atividades como subir em árvores frutíferas como pés de ingá, jambo, manga, açaí, abiú e caju, que faz parte da vivência, da cultura e dos hábitos Baniwa, atividades essas que fortalecem também o Bem-Viver e o viver bem na comunidade e nas relações interpessoais dentro do povo e de outros povos nas comunidades vizinhas.

Para mim, o Bem-Viver é uma filosofia de vida ancestral e vai além do mundo físico, herdada pelos nossos *waferinaipe*, os antepassados, sendo uma prática de vida diária de cada indivíduo indígena, de cada ser, seja dentro da aldeia/comunidade ou nos centros urbanos, começando pela consciência, no pensamento, nas palavras e nas atitudes, assim como na alimentação, nos hábitos, na prática de atividade ou exercício físico e nos ambientes que frequentamos, buscando sempre um equilíbrio entre o físico, matéria e o não físico, imaterial ou espiritual, começando por cada um de nós como seres humanos e seres espirituais.

Diante disso, podemos entender que estamos de passagem nessa experiência terrestre, onde cada um é responsável pelos seus atos e, inevitavelmente, pelas consequências, sejam elas positivas ou negativas. Assim, o Bem-Viver começa por nós, pelo nosso lar, com as pessoas, com os reinos animal, vegetal e mineral que convivemos e compartilhamos a vida, buscando a harmonia e a reciprocidade entre os povos, a natureza e todos os seres que dela fazem parte, vivendo na prática do bem e no amor, ajudando e amando ao próximo como a nós mesmos, pois somente assim a natureza divina que está dentro de nós, o interno, vai encontrar o equilíbrio com a natureza divina que está fora de nós, o externo.

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48

Durante a vivência dentro do meu povo Baniwa, principalmente durante a infância e a adolescência, tive a oportunidade de presenciar e participar de dois momentos muito significativos para mim, tornando o ser humano indígena que eu sou hoje e de um momento que presenciei indiretamente relacionado às mulheres Baniwa.

O primeiro foi durante a minha infância, pois como fui criado pela minha avó após o nascimento, quando tinha entre 3 e 5 anos de idade, sempre estava presente com ela aonde fosse, seja na comunidade indígena onde nasci chamada Uapuí Cachoeira, no Alto Rio Ayari, afluente do Alto Rio Negro, ou nas viagens que fizemos para a cidade de São Gabriel da Cachoeira - Amazonas. Durante essa convivência, pude conhecer outras pessoas do meu povo, lideranças, pajés, benzedeiros e parteiras e, assim, tive a oportunidade de conhecer o processo de saúde-doença do meu povo, o cuidado do corpo, do espírito e da alma, praticada através da espiritualidade por nós, Baniwa, e por outros povos indígenas.

Esse processo de cuidado do corpo e do espírito é realizado através de uma consulta com o pajé ou com o benzedor, dependendo do caso e da gravidade, onde ele senta para ouvir as demandas trazidas e, depois, realiza os procedimentos utilizando os elementos naturais, como a água, as pedras, as plantas e folhas, raízes etc., e/ou consultar os espíritos e entidades através dos sonhos durante a noite e as pessoas voltam no dia seguinte para ouvir as orientações e as mensagens trazidas do mundo espiritual. Portanto, o cuidado do corpo, do espírito e o entendimento do processo saúde-doença e da cura está dentro e faz parte do Bem-Viver Baniwa, considerando os pajés, benzedeiros e parteiras como médicos(as) tradicionais e ancestrais deixados pelos nossos antepassados para os novos do presente e do futuro, *os Walimanai*.

A segunda experiência marcante em minha vida, que me edificou como ser humano indígena e que faz parte do Bem-Viver Baniwa, foi quando participei do rito de passagem que acontece dentro do meu povo, do qual todos os adolescentes e jovens Baniwa de idade entre 7 e 15 anos participam, sendo um marco nas nossas vidas, pois é

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10-48

rito de passagem dos homens para a vida adulta, onde recebemos chicotes nas costas, *nakapetakawa whaa*, que significa remediar as nossas dores físicas que a vida poderá trazer no decorrer da trajetória de um homem Baniwa. Além disso, nos aconselham com benzimentos através de uma pimenta e peixe sem sal, trazendo o significado de que a vida pela frente não será fácil e a fim de aprender a resistir às dores físicas e psíquicas, a respeitar os mais velhos, os nossos pais e familiares e as pessoas diferentes de nós, principalmente os não indígenas. Por fim, somos aconselhados a praticar e viver no bem, para que no futuro não distante possamos colher o bem e o amor, sendo frutos do Bem-Viver e viver bem da cultura, dos costumes e dos hábitos Baniwa.

Em relação às mulheres Baniwa, entrevistei as minhas irmãs e elas contaram que assim como os homens passam por um rito de passagem para a vida adulta, as moças também passam por um rito de passagem durante a sua primeira menstruação, onde há um benzimento chamado de *kariamã*, utilizando peixe com pimenta entre beiju, tanto para as moças comerem, como os familiares presentes. Esse benzimento é realizado durante a noite toda e servido numa cuia pela manhã como o primeiro alimento, quando ainda estão em jejum do dia anterior, para poder ter efeito no organismo físico e espiritual das moças que agora serão mulheres adultas, podendo sair de casa para constituir uma família.

Assim, o Bem-Viver ou viver bem está presente em todas as instâncias da cultura, dos costumes e das crenças Baniwa, seja na vida dos homens, das mulheres e das crianças, para que haja uma continuidade dos saberes e dos conhecimentos ancestrais deixados pelos nossos antepassados anciões, justamente para ter uma vida harmoniosa com nós mesmos e com a natureza divina presente dentro e fora do nosso corpo físico e espiritual.

Atualmente, muitas pessoas vivem uma vida desregrada e corriqueira, impactando diretamente na sua saúde física, psíquica, emocional, social e espiritual, acarretando sérios problemas de saúde, como principalmente as doenças cardiorrespiratórias, doenças mentais como a depressão, a ansiedade, crise de pânico e o acidente vascular cerebral

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10-48

(AVC) etc. Em contraponto, o Bem-Viver está intimamente ligado em ter qualidade de vida do homem, seja indígena ou não indígena e independentemente se estiver em área urbana ou em uma comunidade/aldeia indígena. Por fim, o Bem-Viver deve ser universal e para todos os seres vivos, principalmente para o ser humano, pois como mencionei acima, o homem é egoísta e ainda não aprendeu a cuidar da sua grande casa que é a Terra e a Natureza, que está diretamente ligada ao nosso corpo físico e ao corpo espiritual, pois se não cuidarmos do nosso planeta e se pensarmos só em possuir e acumular bens materiais, vamos adoecer e pereceremos, ou ainda, mataremos seres que estão aqui para nos ajudar na nossa jornada.

4.3. POVO DESSANO

Me chamo (nome omitido) e pertenço ao povo Dessano, meu nome do benzimento é Diakarapó na língua Dessano e Diakátapó na língua tukano, significando quem carrega o coração de uma guerreira Dessana. Sou casada atualmente com um não indígena, tenho dois filhos, um menino de 15 anos e uma menina de 4 anos e residimos no município de São Carlos/SP.

A minha comunidade chamava-se Nossa Senhora de Fátima - Florestas e fica nas proximidades do Distrito de Pari-Cachoeira, às margens do Rio Tiquié, próximo à Colômbia e à Venezuela. Morei nessa comunidade durante a minha infância e na pré-adolescência e só residia na comunidade do povo Dessano, pois ali existem aldeias de diversos povos, como os Tukano. O meu pai chama-se Higinio Azevedo Aguiar, e o seu nome do benzimento na língua Dessano é Kissibi, que significa grande líder do povo Dessano, e a minha mãe chama-se Amélia Costa, que é do povo Tukano e tem o nome de benzimento Diató, na língua Tukano, que significa segunda filha. Toda a minha família reside em São Gabriel da Cachoeira desde 2003.

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48

Na infância, pré-adolescência e na vida adulta tive muitas experiências e vivências que relaciono ao Bem-Viver, que me deram momentos de muito aprendizado, advindas das culturas indígenas.

Ainda criança, dentro da minha comunidade aprendi com minha avó e com meu avô as danças e as pinturas. A minha avó sempre estava pintada e dizia que as pinturas faziam as mulheres se sentirem mais jovens e com a pele hidratada. As tintas usadas para a pintura corporal eram produzidas pela minha avó e pelas outras mulheres.

Nessa época, me lembro que a minha comunidade seguia sempre unida. Todas as manhãs se uniam para tomar café da manhã e tomavam mingau, comiam quinhapira, beiju e demais comidas que eram de costume.

Os parentes da comunidade tinham o hábito de se reunir sempre que era possível. Meus irmãos só conseguiram participar nos encontros de adultos a partir de 18 anos, era com essa idade que poderiam participar das reuniões que aconteciam na comunidade, que ocorriam de manhã, de tarde ou de noite, principalmente nos finais de semana. Enquanto eram menores de idade não participavam de nenhum encontro, tanto no café da manhã e demais atividades e nem podiam passar perto dos encontros dos adultos. Essa era uma regra dos(as) mais velhos(as).

Acredito que os adultos da comunidade, como meus tios e meu pai, carregavam a cultura ou experiência que viveram na infância e que seguiam as experiências vividas durante sua infância, que era obedecer aos mais velhos e era repassada para seus filhos. Assim, era obedecer aos mais velhos e saber ouvir suas experiências, vivências e guardar na sua memória. Às 8 horas da manhã aos domingos, quartas-feiras e sextas-feiras havia reza na capela de Nossa Senhora de Fátima e meu pai era Catequista da comunidade; depois da reza seguiam os adultos para tomarem café da manhã na casa do meu tio que era o capitão (liderança da comunidade). Esse era o espaço das famílias se reunirem em coletivo na residência do meu tio, espaço onde as famílias Dessano se sentiam felizes, davam boas gargalhadas e tinham conversas boas.

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48

Acredito que o Bem-Viver do povo Dessano, na época em que residíamos na comunidade, era levar nossa vida cotidiana da forma mais agradável possível, vivendo na natureza, felizes, longe dos perigos e de quaisquer violências, deixando a vida levar, apreciando nossa cultura, línguas, os nossos costumes e comidas, dando grande importância em viver a vida com a sua família, no ambiente que ninguém se sintia incomodado e cada um no seu devido cantinho. Porque, no meu povo, os pais de família sempre deixam que os(as) seus filhos(as) tenham um ambiente agradável, sempre cuidando com a segurança, cuidando para que não falte nada em casa, e sempre acompanhando o crescimento deles(as) para serem bem cuidados(as) e que estejam com saúde, que nada de ruim aconteça com a família.

Falo pela experiência vivida com meus pais e também falo atualmente como mãe de duas crianças, um menino de 15 anos e uma menina de 4 anos. Quando eu e meus irmãos ficávamos doentes, meu pai sempre benzia e a gente se recuperava como se estivéssemos tomando remédios dos não indígenas. Benzia para tudo, desde o nascimento até na vida adulta. Além do benzimento, meu pai e minha mãe tinham conhecimentos das plantas medicinais da natureza.

Pelo que observava, as famílias sempre ajudavam umas às outras quando alguém ficava doente. Meu avô era pajé, assim como meus tios e meu pai, e todos sabiam e sabem benzer qualquer tipo de doença que exista no mundo. Os conhecimentos dos mais velhos, como o benzimento, são repassados para os filhos homens e passam pelas gerações. Além do benzimento, também eram repassadas outras experiências práticas, como trabalhar na roça, pescar, caçar, entre outras, que acompanhavam em tudo na vida cotidiana da minha família.

Já a parte que era feita pela minha mãe era nos orientar para levantarmos cedo desde pequenos, para preparar café da manhã, almoço, jantar e outras tarefas. Acordávamos cedo com minha mãe, levantávamos às 4 ou 5 horas da manhã. Ela tinha o costume de levantar-se cedo, sempre íamos tomar banho juntas no rio de manhã cedinho

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10-48

e aproveitar para carregar água para fazer mingau, para cozinhar peixe e para lavar as vasilhas e outros utensílios, em seguida, preparávamos beiju de tapioca e outros alimentos para serem consumidos pela manhã antes de começar os afazeres.

Assim que meu pai retornava da pescaria, minha mãe recebia na beira do rio ou igarapé os peixes que ficavam dentro da canoa, e rapidamente ela os preparava para café ou para almoço, fazíamos quinhapira ou mujeca de goma¹³. Meu pai tinha costume de acordar cedo para pescar; quando era lua nova, assim que escurecia, ele pegava os peixes com linha de pesca ou na malhadeira, na zagaia ou fisga para pesca em aço inox e em outras.

Para pegar os peixes, o transporte utilizado era a canoa e o remo. A canoa era o transporte utilizado no dia a dia, como para viajar para as outras comunidades próximas e, por exemplo, visitar a filha, genro e os netos ou sobrinhos, irmãs casadas com outros povos da etnia Tukano.

Aprendi muita coisa com a minha mãe principalmente, pois na cultura do meu povo, e acredito de muitos outros povos indígenas, a mãe vai ensinando as filhas, para que quando elas forem se casar e morar com a sua nova família, já estejam prontas para pôr em prática as experiências e os conhecimentos adquiridos durante a infância, pré-adolescência e juventude. As mães ensinam a filha a acordar cedo, já preparando e dando conselhos para que ela conviva com seu esposo e mantenha uma boa relação como qualquer mulher adulta casada. Na cultura dos indígenas recebemos vários conselhos, as mães ensinam a preparar o mingau de farinha de mandioca ou goma de tapioca. Todas as manhãs é rotina preparar as comidas para alimentar a família antes do serviço.

O costume de acordar às 5 horas todos os dias ocorria porque a minha mãe tinha horário certo para irmos na roça, entre as 7 e 8 horas da manhã; o retorno acontecia a

¹³ São pratos típicos de diversos povos indígenas da Amazônia, especialmente os da região do Rio Negro. A *quinhapira* é feita com peixe e pimentas e a *mujeca* de goma é um tipo de ensopado que tem como ingredientes principais peixe e goma de tapioca.

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48

partir das 12 horas. Isso faz parte da vida cotidiana de muitos(as) indígenas que residem nas comunidades, que precisam ir para a roça para carpir, tirar as mandiocas para farinha ou para goma.

Caminhávamos em uma trilha longa no meio da floresta durante aproximadamente 2 horas até chegar na roça para trabalhar. As roças dos meus pais eram enormes. Lá eram plantados mandioca brava, bananeiras, abacaxi, pé de cucura, plantação de canas, cará branco e preto, cubiú, batata doce, pé de pupunhas, caju, pimentas ardidas. As roças de abacaxi também eram grandes, na maioria das vezes eram plantadas separadas.

No quintal dos meus pais havia plantações de pé de cupuaçu e várias outras. Também criavam animais: porcos, galinhas, papagaio e os 5 cachorros que eram criados e benzidos pelo meu pai para serem caçadores. Os cachorros eram guiados pelo meu pai na floresta e ele os levava para caçarem onde tinha rastro dos animais, como os porcos do mato, as cutias, as pacas, os tatus e outros.

Dessa forma, acredito que a aprendizagem e os conhecimentos dos meus pais foram bem repassados para os(as) filhos(as). Assim, eu entendo que a escola não é único espaço de transmissão dos conhecimentos, de aprendizagem, ou seja, a comunidade tem sua sabedoria, a qual precisa ser socializada com todos(as) – crianças, pré-adolescentes e adultos(as), que são responsáveis pela formação da identidade coletiva. Nas sociedades indígenas, o ensinar e o aprender são ações mescladas, incorporadas à rotina do dia a dia, ao trabalho e ao lazer e não estão restritas a nenhum espaço específico.

A escola é todo espaço físico da comunidade. Ensina-se a pescar no rio, evidentemente. Ensina-se a plantar no roçado. Para aprender e ensinar qualquer lugar é lugar, qualquer hora é hora... É importante comentar as aprendizagens que tive dentro da minha comunidade e da realidade dentro de uma comunidade indígena desde a infância, especialmente a questão da liberdade que a criança pode sentir no seu dia a dia e Bem-Viver em cada família.

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48

Dentro da comunidade tínhamos acesso às questões relacionadas à religião católica, por exemplo: todas as crianças e adultos frequentavam em coletivo a igreja católica, que era meio obrigatório para participar na reza. Havia, também, as reuniões relacionadas à comunidade, como, por exemplo, para mantê-la em ordem e limpa, ou arrumarem a construção da igreja que era utilizada em coletivo. Em outras ocasiões, não era permitida a participação de crianças, a começar pelo café da manhã, do qual somente os adultos participavam. Eu e meus irmãos não podíamos estar naquele lugar, e éramos proibido de ficar ouvindo as conversas dos adultos. Meu pai tinha conhecimentos sobre a Bíblia e em algumas ocasiões falava e repassava todos seus conhecimentos de catolicismo para a comunidade inteira.

Quando aconteciam festas nas comunidades vizinhas a gente nunca ia, ficávamos em casa, pois isso era o nosso costume e meus pais comentavam: “as crianças têm seu espaço específico de brincar na nossa comunidade”. E quando ocorriam festas em outras localidades somente os(as) adultos iam e nos falavam “crianças têm que ficar em casa, é o lugar de vocês”. Mas, assim que completamos 18 ou 20 anos, quase na fase adulta, conseguimos participar das atividades, dentro ou fora da nossa comunidade, como a dos povos Tukano. E, pela minha observação, os adultos tinham espaço específico para estarem presentes em reuniões em que eram discutidos assuntos sobre a comunidade. O capitão da comunidade marcava as reuniões mensal ou semanal e dizia “vamos fazer isso”.

Em uma das reuniões, a liderança da comunidade no caso do meu tio que repassava os convites dos outros povos das etnias tukanos, fomos convidados por outra comunidade para ajudar na construção da maloca, ou na língua indígena conhecido como *ajuri* ou *wayuri*, que significa trabalho conjunto. Tudo era bem explicado e planejado, porque a responsabilidade do capitão e do vice-capitão era comunicar e repassar os detalhes sobre trabalhos, atividades, os encontros de cada povo, convites das festas de

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48

Dia dos Pais, Dia das Mães, Dia dos Professores, Natal, Ano Novo, festas de dabucuri de cada etnia em troca de frutas ou outros alimentos colhidos nas comunidades etc.

Assim, para selarem a comunidade, o capitão e o vice tinham que criar o planejamento anual, mensal e semanal sempre junto com a comunidade. Os planejamentos eram realizados pensando no Bem-Viver da comunidade e bem-estar das famílias, e eram discutidos entre os adultos do povo Dessano, pois na maioria das vezes aconteciam no horário do café ou jantar da comunidade.

Atualmente, refletindo sobre a questão decolonial, em nosso grupo de pesquisa Naldeia e nas leituras que tenho feito, entendo que a sua epistemologia visa uma desconstrução de práticas coloniais. A decolonialidade e seus derivados evidenciam as grandes razões de existência do coletivo na modernidade, mostrando que o caminho ainda é de luta, principalmente no campo da intelectualidade. Viver com igualdade nas formas das experiências práticas e vivências dos indígenas. A colonialidade, por sua vez, demonstra um sistema de poder que se pauta na ideia de raça superior e inferior, ou seja, legitima a supremacia branca.

Resumindo, resistir é uma experiência prática, nas vivências, ao processo de aculturação na infância, na juventude e na vida adulta por ser uma pessoa indígena. Resistir às mudanças físicas, mudanças psicológicas, as muitas responsabilidades atribuídas na vida, conflitos e as mudanças sociais, identidade social etc. Acredito que o processo de desenvolvimento da vida, em que ocorrem situações marcantes do Bem-Viver, traz as novas realidades e percepções sobre a existência dentro do mundo. Então, com essa nova fase de transição da infância para a vida adulta, relações de convívio com os não indígenas, por meio da interação de um grupo de indivíduos totalmente diferentes, aprendi que as diferenças enriquecem culturalmente.

Diante da sociedade indígena e não indígena, o Bem-Viver nos faz sentir que precisamos avançar, aproximando-nos dos ideais e valores que guiam nosso projeto cultural de vida indígena. Hoje, o Bem-Viver pressupõe a autodeterminação dos povos

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10-48

indígenas, a demarcação de nossas terras e territórios, a descolonização das condições da vida, o reconhecimento de nossa alteridade que vai muito além de apenas tolerância conosco.

O Bem-Viver pode se inspirar na reprodução da vida material e espiritual nos parâmetros da cultura própria, como algumas práticas da comunidade indígena Dessana, na qual as mulheres tinham reuniões separadas dos homens, porém no mesmo mês, dia e no mesmo horário, e a responsabilidade era delegada para a esposa do capitão e do vice-capitão e ambas faziam planejamentos e troca de ideias: “nesse mês iremos preparar o quê? Qual comida vamos preparar para receber a visita? Qual bebida prepararemos?”, sendo que todas as conversas eram para tratar destes assuntos, porque existe todo processo para que a bebida fique igual à cerveja e fica aproximadamente 4 ou 5 dias de molho a massa e a manipueira, que é extraída da mandioca.

Lembro que todas essas conversas aconteciam antes das festas ou para fazer limpeza na comunidade, por exemplo: nesta data e o mês iremos carpir na parte da igreja, em outro mês iremos ajudar nossos maridos na construção ou reforma da igreja e segue com planejamento mensal ou semanal, e dos homens era bem parecido o planejamento com a mesma estrutura, como zelar a comunidade, sempre deixar a comunidade limpa e em ordem.

4.4. POVO PANKARARU

Me chamo (nome omitido) e pertencço ao povo Pankararu, da Terra Indígena Pankararu, homologada em 1987, que está localizada entre os atuais municípios de Petrolândia, Itaparica e Tacaratu, no sertão pernambucano, próximo ao rio São Francisco. Nasci e me criei no município de Petrolândia e atualmente resido em São Carlos/SP, entretanto, mesmo residindo fora da comunidade, sempre que possível meus pais me levavam na aldeia para prestigiar as práticas culturais que aconteciam nos terreiros, e em virtude desses ensinamentos, por mais distante que eu esteja, sempre tento acompanhar

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48

os momentos de rituais, nunca deixo de carregar a cultura e o respeito por cada um da comunidade, inclusive por aqueles que já descansaram e deixaram seus conhecimentos conosco.

Para o povo Pankararu, a Mãe-Terra e a natureza são mais do que um simples lugar onde se vive, se cultiva e que se observa como paisagem natural: são bens naturais sagrados que exigem respeito e zelo. A Mãe-Terra germina e alimenta o corpo e alma dos Pankararu, proporciona um contato com a ancestralidade, ao nos permitir usar seus recursos naturais para realizar trabalhos manuais com a palha do ouricuri e croá, trabalhos esses que foram ensinamentos deixados pelos antepassados e que são até hoje realizados, mantendo a cultura viva.

O Bem-Viver para o meu povo é estar conectado com a natureza, seus ancestrais, a cultura, religião e tradições. A memória está muito atrelada com a natureza: quando tomamos o chão com os pés descalços, em rituais, temos uma troca de energia, pois estamos nos conectando com ancestrais que um dia ali passaram e hoje se fazem presentes nas memórias. Outra forma de se praticar o Bem-Viver é no momento dos rituais quando acontece a pintura corporal com alguns símbolos como cruces e círculos com o barro branco-toá; o grafismo representa o pertencimento e proteção proveniente da religião e é um acesso à memória no intuito de encontro com a identidade do ser indígena. Somos parte dessa terra, somos barro vivo, damos vida assim como a terra ao germinar.

É possível perceber o Bem-Viver do meu povo quando estão prestes a realizar algum dos seus rituais, seguem determinantes valores e condutas morais em respeito aos seres sobrenaturais, se preparam com banhos de ervas e evitam ter relações sexuais e contato com bebidas alcoólicas. O descumprimento desses processos de preparação e purificação pode gerar algo de ruim na vida desse indivíduo. O Bem-Viver neste momento está relacionado ao respeito pela cultura e mestres-guias.

Eu, como indígena Pankararu, experimento o Bem-Viver quando sinto a paz dentro da aldeia, não é uma paz de silêncio, é uma paz dentro do coração por estar ali

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10-48

presente, me sinto protegida de alguma forma. É saber que meu povo usufrui dos recursos naturais da caatinga sem agredir a mesma, sempre respeitando os donos dela. O Bem-Viver, para mim, é ver os mais novos aprendendo com os(as) anciãos(ãs) sobre a nossa cultura e desde cedo procurando cultivá-la e respeitá-la.

Alguns exemplos de quando sinto isso são na Corrida do Imbu, na Queima de Cansação e no Menino do Rancho, momentos importantes para o meu povo, que acontecem por etapas, com músicas, cantorias, danças rituais, comidas e bebidas e a presença dos Praiás¹⁴.

4.5. POVO WASSU-COCAL

O povo Wassu-Cocal está localizado na zona da mata alagoana, a 84 km da capital Maceió e a 16 km do município de Joaquim Gomes, ao qual pertence, às margens da BR-101. Possui um território de 3.000 ha e uma população de 2.018 habitantes (SIASI/SESAI, 2014), com situação oficial de reconhecimento constando como homologada REG CRI e SPU, pelo Decreto s/n. de 20/04/2007. Há também um grupo de famílias que residem atualmente, em 2023, na aldeia multiétnica “Filhos desta Terra”, localizada na cidade de Guarulhos/SP, fruto de uma retomada territorial concretizada em 2017, porém ainda não regularizada oficialmente. As principais atividades culturais do povo Wassu-Cocal que estão ligadas ao Bem-Viver são o ritual de canto e dança *Toré*, bem como a tradição do *Ouricuri*, que acontece no local e símbolo mais sagrado da aldeia, a Pedra da Torre. Nesses eventos são realizadas as pinturas corporais sagradas de proteção que podem ser feitas com jenipapo, urucum, argila branca e carvão. O Bem-Viver também está nas atividades culturais ancestrais milenares presentes do dia a dia que trazem satisfação, felicidade, utilidade e são a base da nossa sobrevivência, como a caça, pesca, plantio e colheita de roças, produção de artesanatos e instrumentos que auxiliam nessas atividades,

¹⁴ Indígenas cobertos com vestimenta de fibra de caroá, que conduzem o *Toré* ao som dos toantes, maracás, manifestando a força encantada aos presentes.

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48

desde os adornos (cocares, saias, maracás) até as armadilhas para caçar e pescar, peneiras, balaios, construção de casa de farinha, fornos e panelas de barro.

Não é possível que uma só pessoa consiga sintetizar o que seria o Bem-Viver de um povo, sem sua voz coletiva para tecer essa rede de conceitos sobre uma forma de viver bem que só faz sentido quando compartilhada. Ao transferir em palavras o que só pode ser vivido e experienciado, refletem apenas o que se destaca, mas não o sentido profundo de vivenciar. Sobretudo para o povo Wassu-Cocal, os pontos principais, os pilares do nosso Bem-Viver, estão em nosso território sagrado, onde estão presentes os elementos que nos conectam diretamente com as nossas memórias coletivas e ancestrais. Na aldeia Wassu-Cocal se pratica o Bem-Viver ao mergulhar nos rios, cachoeiras, cuidar das criações e plantações, colher frutos da época, comemorar as colheitas, tirar seus alimentos e remédios das matas e plantações, fazer farinha, beiju, pescar, caçar, compartilhar histórias antigas...

Vejo o Bem-Viver presente nas práticas de rituais de conexão: o *Ouricuri*, sendo um momento ritualístico específico, e reservado, onde se reúnem as principais lideranças (pajé e cacique) e todos que participam desse ritual com a permissão dos líderes e dos próprios espíritos ancestrais, geralmente são permitidos apenas aqueles que vivem esta tradição a vida toda, que vivenciam desde crianças, e seus pais, avós também praticavam, ensinando a respeitar e preservar o que se passa nestes momentos sagrados, bem como preparar corpo e espírito para um período fora da rotina do dia a dia, é dedicado apenas ao espiritual, ao sagrado. É proibido falar sobre o que acontece no *Ouricuri*, e exige-se alguns cuidados e resguardos físicos e espirituais para que se esteja preparado para receber as curas e ensinamentos. Antes de subir a serra Pedra da Torre e adentrar neste local sagrado, é preciso resguardar-se do álcool, intimidades com o parceiro(a), alimentação gordurosa, salgada e açucarados. Além disso, mulheres em período menstrual não devem participar.

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48

Dessa forma, preparados e limpos do que possa nos desconectar das forças, entramos em contato com os nossos antepassados, espíritos protetores e guardiões da natureza, que são chamados através do canto, dança Toré, com as pinturas com jenipapo, urucum, argila, carvão e bebidas sagradas, para estar próximos de nós, e assim nos ensinar a conversar com os seres das matas, respeitar os animais, usar plantas para curar, além de nos guiar e proteger. Assim nos sentimos bem, limpos, leves, em paz, conectados e centrados no propósito das nossas vidas, nos trazendo equilíbrio para viver, enfrentar com força e coragem, mas também sabedoria, as coisas do cotidiano, nas lutas e na continuidade da nossa tradição.

Na tentativa de descrever o Bem-Viver, faço um mergulho profundo em minhas memórias ancestrais, junto ao meu povo, para refletir sobre estas experiências que pouco podem ser transcritas em palavras. O Bem-Viver, a meu ver, tem estado presente durante toda a minha vida enquanto mulher indígena Wassu-Cocal nos elementos mais sutis e comuns do dia a dia, que podem parecer não ter tanta importância, mas para nós, carregam um grande significado, trazem sentido para nossa existência, como também fazem com que a luta e a resistência nos façam dignos de usufruir.

Quando aprendi a cantar e dançar toré para comemorar, me alegrar, movimentar, guerrear, retomar, demarcar ou simplesmente entoar para não esquecer, nesse momento conheci, como viver bem; ao mergulhar nos rios, ao sentir o sabor de peixe fresco com banana verde cozidos feito pela minha mãe, que aprendeu com a minha vó, vivi bem; quando me pintam o corpo com jenipapo, traçando desenhos que imitam os animais, traços que parecem curar a mente, ou que dizem: “Sou forte, respeite-me”, que vestem a nossa pele como uma armadura e nos dão coragem, ando leve, mas piso firme e, mais uma vez, vivo bem.

Quando entro na mata em silêncio, e posso ouvir os seres que ali vivem, sinto o vento, sinto a calma, sinto paz. Quando me alimento da vida que brota da terra, que semeada por mãos de sabedoria, me sacia o corpo e o espírito e assim vivi e busco viver,

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10-48

esse bem compartilhado, pois a modernidade, que tudo nos arranca, jamais poderá nos tirar essa lembrança ancestral, que não sai de nós.

Empoderando-se dos pensamentos dos parentes Ailton Krenak e Davi Kopenawa, posso dizer com plena convicção que é este modo de viver bem que impedirá o adoecimento coletivo, ajudando a segurar o céu, adiar o fim do mundo e construir o futuro ancestral que queremos e que tanto sonhamos e almejamos. Quando não pisamos a terra descalço e quando trocamos o som da natureza pelo barulho de máquinas, entramos em sofrimento por essa ruptura de conexão com as coisas sagradas presentes nos nossos biomas, aos quais somos intimamente ligados e estão no nosso DNA, no nosso espírito e ancestralidade. Seja aonde for, e para quem quer que seja, não há outra forma de viver em harmonia neste planeta sem o Bem-Viver.

Acredito que para os povos indígenas, o papel do Bem-Viver é bem enraizado e visível, manifestando-se das mais diversas formas em como cada grupo étnico o realiza e vive, devido à pluralidade de tradições envolvidas neste conceito, mas que se encontram em um ponto comum: a relação com a natureza. Enquanto nós, povos indígenas, nos orgulhamos de fazer parte de uma cultura única e lutamos por ela, bem como guardamos com a nossa própria vida, junto ao corpo-espírito unificado da nossa mãe-terra, para a sociedade não indígena, essa conexão está rompida, suas gerações já não se lembram mais como era antes do asfalto cobrir o chão, antes de tudo perder a cor e virar um grande cinza, antes de se esquecer da diferença entre som e barulho.

Se observarmos a natureza, não é difícil perceber que fazemos parte de um grande organismo com um equilíbrio delicado, assim como nosso corpo físico, o mundo que habitamos é vivo e, assim como nós, tem espírito inteligente, capaz de sentir e manifestar-se. Este equilíbrio delicado é regido pelas nossas escolhas, e é neste ponto que pessoas indígenas e não indígenas diferem. Entendo que nossos irmãos “brancos” são induzidos a pensar, agir e se comportar nesta padronização em massa, ditada e aceita pelo capitalismo, mas que não se responsabiliza pelas consequências, uma vez que todas as

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10-48

coisas que pensam que necessitam vêm a eles com muita facilidade, nenhuma troca justa é feita e o respeito é trocado pelo imediatismo das cidades que não dormem.

É neste rompimento com a natureza, e conseqüentemente consigo mesmo, pois a terra é como mãe, e nascemos dela, quando o cordão que nos liga diretamente com ela é cortado, e a conexão é minada cada vez que não tocamos mais o chão com os pés descalços, que não colhemos o remédio e o alimento na floresta, a buscar o seio materno harmônico, abundante e preciso no seu equilíbrio. A natureza é a chave que só se encontra na ancestralidade, nos ensinamentos milenares que generosamente vêm cuidando de nós de forma completa e nos mantendo vivos há gerações, e o que nos faz resistir são milênios não apenas de sobrevivência, mas de resiliência.

Desde que nascemos somos ensinados a respeitar o equilíbrio e harmonia da natureza, seus ciclos, que tudo nos é emprestado, somos ensinados a compartilhar, reconhecendo a não permanência das coisas e vivendo conforme o fluxo das mesmas, sem a necessidade de interferir ou acumular.

Está aí o caminho para entender o papel do Bem-Viver tanto para indígenas quanto para a sociedade não indígena: unificar o pensamento neste significado em comum que impacta diretamente no modo de viver bem, equilibrado e em perfeito estado de saúde e harmonia completa, por estarmos ligados à natureza; essa relação é constante desde o momento em que damos o primeiro suspiro e nos alimentamos no seio da mãe, transcendendo as barreiras deste mundo e vão até o cosmos, onde tudo se torna pequeno demais para ser regido à nossa vontade ou escolhas. Aqui no mundo que habitamos é possível perceber mais evidentemente os frutos das nossas inconscientes semeaduras, as quais a maioria não quer colher.

A natureza nos instrui a todo momento, imediatamente a longo prazo, nos dando pistas e direcionamentos do que virá depois, basta observar, compreender e sobretudo respeitar. Por isso ela é a razão e o instrumento da cura, equilíbrio e bem-estar completo harmonioso, conectado com o todo e não como apenas parte deste universo interligado.

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48

Nos desligar da ancestralidade, da natureza e das forças encantadas criadoras é perecer no mundo e adoecer.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando refletimos sobre o Bem-Viver na visão de estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal, entendemos que ao serem relembradas as vivências sobre as realidades das comunidades, nos remetemos à vertente indígena ou Pachamamista (HIDALGO-CAPITÁN e CUBILLO-GUEVARA, 2014), de forma que são trazidas as vozes desses povos aqui representados e podemos sentir o Bem-Viver emergir como manifestação vívida em cada narrativa.

Identificamos nas falas, diversos elementos relacionados ao conceito do Bem-Viver destacados por Solón (2019), como visões de interligação e interdependência entre todos os seres vivos e a Mãe-Terra presentes no contato com a natureza do povo Wassu-Cocal, em seus mergulhos no rio, nas caminhadas pelas matas, cuidado com as criações, uso de plantas como remédios, sua relação respeitosa com a serra da Torre da Pedra. Vemos relações semelhantes nas narrativas do povo Pankararu com seu entendimento de que a natureza é sagrada e na prática do banho de ervas para purificação e saúde e nas do povo Atikum e sua reverência à Pedra do Gentio.

Vemos, ainda, a busca do equilíbrio entre os seres vivos manifestada nas falas sobre a vida harmoniosa em meio à natureza e sem violência do povo Dessano, o respeito aos animais presente nas narrativas Baniwa e Wassu-Cocal. Também revelamos outros elementos que compõem o Bem-Viver para esses cinco povos originários nas visões de seus(suas) estudantes indígenas, como a espiritualidade sendo fonte ou inspiração para a vida harmoniosa, feliz e significativa, perspectiva que esteve presente em todas as narrativas.

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48

A ritualidade como prática celebrativa do Bem-Viver, que reúne toda a comunidade para apreciar e participar, também foi expressa com o *Ouricuri* dos(as) Wassu-Cocal, as festividades dos(as) Baniwa, a dança Toré realizada pelos povos Wassu-Cocal e Atikum, em que se absorvem as energias da Terra em harmonia com os Encantados em uma festa de cantos de toantes, som de maracá, e a beleza das pinturas corporais e vestimentas, com a presença marcante dos Praiás do povo Pankararu. Vemos menções às rezas e benzimentos do povo Baniwa e do povo Dessano, que trazem cura e proteção para o corpo e para o espírito.

Percebemos com o destaque manifestado nas falas sobre a espiritualidade e a ritualidade, o papel do Sagrado e a harmonia entre o mundo material e espiritual como elemento definidor do Bem-Viver entre os povos indígenas apresentados, em que tudo é Sagrado, o ser humano, os demais seres vivos, seres espirituais, as serras, as pedras, a Terra-Mãe, de forma que essa sacralidade exige o respeito e a harmonia como atitude permanente, o que leva ações equilibradas na utilização de recursos naturais e nas relações entre membros da comunidade, pautadas pelo compartilhar, cuidar e amar.

O papel de construção e transmissão dos conhecimentos de como agir sob a lógica do Bem-Viver também se mostrou presente nas falas, assim como a percepção de que essas aprendizagens se dão de forma habitual e cotidiana nas práticas das comunidades indígenas.

Diante disso, entendemos ser necessário olhar para o Bem-Viver como algo ligado diretamente à espiritualidade indígena, ao que acreditamos, e acima de tudo praticá-lo, aproveitando cada coisa que o universo nos proporciona. Se olharmos essa prática como uma ferramenta para a união, a diversidade e, principalmente, o respeito entre povos, entenderemos o real significado do Bem-Viver.

Portanto, o Bem-Viver é uma sabedoria indígena, pois ele não é uma teoria, mas sim uma prática de vida diária, passada por oralidade pelos avós, pelos pais ou pelos pajés. Com isso, independentemente do povo, ele é praticado, de acordo com o seu modo de

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10-48

vida, sua cultura e o seu entendimento a respeito, fazendo parte da identidade indígena, de quem se é, pois ele está presente na relação com a natureza terrena e cósmica, desde o respeito com o próximo, indígena ou não, com as plantas, com os animais, domésticos e selvagens, com os peixes, com tudo que está presente no mundo físico e espiritual.

Diante disso, podemos pensar no Bem-Viver como uma alternativa à forma predominante não indígena de se relacionar entre si e com a natureza, que temos observado, caracterizada pela exploração, dominação, consumo exacerbado, desequilíbrio e desrespeito, que tem causado implicações sociais, como as desigualdades sociais que levam à fome e efeitos antrópicos ao meio ambiente, que tem levado à degradação ambiental, com impactos no clima em que se destaque o aumento da temperatura do planeta.

Interpelando tudo isso há os conhecimentos milenares dos povos indígenas (BANIWA, 2006; KOPENAWA e ALBERT, 2015), dos quais o Bem-Viver é fruto, que nos ensinam outra maneira de pensar e se relacionar com a realidade, outras epistemologias e filosofias que podem nos orientar e conduzir num caminho diferente que possa produzir mudanças que transformem nosso futuro, revertendo as mazelas causadas e garantindo que a vida no planeta tenha uma chance de continuar existindo.

A consciência sobre isso e decisões, ações e políticas de mudança de rumo têm urgência em serem tomadas, para que uma nova perspectiva preservacionista, inspirada no Bem-Viver, seja adotada, pois neste exato momento em que escrevemos este texto, está sendo julgada pelo Supremo Tribunal Federal a tese de um marco temporal para a demarcação de terras indígenas e tramita no Senado Federal o projeto de lei (PL) 2.903/2023, que antes de ser aprovado na Câmara dos Deputados era conhecido como PL 490/2007, que tem o objetivo de inviabilizar a demarcação das terras indígenas, sendo inconstitucional, incoerente e indecente, indo contra o Bem-Viver dos povos indígenas e dos não indígenas do Brasil e do mundo, pois todos dependem das matas, das águas, dos rios, das plantas medicinais para dar continuidade à vida.

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48

Com essas certezas, fundamentadas nos conhecimentos dos povos originários e nas nossas vivências do Bem-Viver, encerramos estas nossas reflexões apontando um último elemento que consideramos ter permeado nossas falas e ser um dos mais representativos do Bem-Viver que nos indica um caminho a trilhar: a ancestralidade, pela qual o passado e o presente se entrelaçam e nos lançam com segurança e firmeza para um futuro outro, no qual construímos relações mais harmoniosas e equilibradas entre todos os seres e a Terra-Mãe que gerem vida em plenitude.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, Pelotas, n. 14, p. 79-95, set. 2003.

ABRAHÃO, M. H. M. B.; CUNHA, J. L.; VILLAS BÔAS, L. (org.). **Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos**. Curitiba: CRV, 2018.

BANIWA, G. dos S. L. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/Secad; Laced/Museu Nacional, 2006.

BARBOSA, I. F. S. Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In: ABRAHÃO, M. H. M. B.; CUNHA, J. L.; VILLAS BÔAS, L. (org.). **Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos**. Curitiba: CRV, 2018, p. 68-81.

CELENTANI, F. G. **Feminismos desde Abya Yala**. Ciudad de México: Editorial, 2014.

CHOQUEHUANCA, D. Hacia la reconstrucción del Vivir Bien. **América Latina en Movimiento**, n. 452, p. 6-13, 2010.

CLANDININ, D. J.; CONELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: Edefu, 2011.

DESCOLA, P. **La nature domestique: Symbolisme et praxis dans l'écologie des Achuar**. Nouvelle édition [on-line]. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2019. Disponível em: <<http://books.openedition.org/editionsmslh/25673>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

GARGALLO, F. **Feminismos desde Abya Yala**. Ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en Nuestra América. México: Corte y confección, 2014.

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10-48

- GORDON, C. Bem Vivere propriedade: o problema da diferenciação entre os Xikrin-Mebêngôkre (Kayapó). **MANA**, v. 20, n. 1, p. 95-124, 2014.
- GUDYNAS, E. Buen Vivir. Germinando alternativas al desarrollo. **América Latina en Movimiento**, n. 462, p. 1-20, 2011.
- GUERRA, D. A. de P. X. F.; SOUZA, C. O. C. F. de; IRIGARAY, C. T. J. H.; SILVA, C. J. da. Elements of Buen Vivir of Brazilian Indigenous Peoples. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 12, n. 5, p. e3112541072, 2023. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/41072>>. Acesso em: 17 ago. 2023.
- HIDALGO-CAPITÁN, A. L.; CUBILLO-GUEVARA, A. P. Seis debates abiertos sobre el sumak kawsay. **Íconos – Revista de Ciencias Sociales**, Quito, n. 48, p. 25-40, 2014.
- KAINGANG, Z. K. C. **A formação da pessoa nos pressupostos da tradição**: educação indígena Kanhgág. 2013. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- KAMBEBA, M. W. **O Bem Viver é a Amazônia**. [S.l.]: Recanto das Letras, 2020. Disponível em: <<https://recantodasletras.com.br/artigos-de-cultura/7044589>>. Acesso em: 02 ago. 2023.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.
- KRENAK, A. **Caminhos para a cultura do bem-viver**. [S.l.]: 2020. Disponível em: <http://www.culturadobemviver.org/pdf/Caminhos_para_a_cultura_do_Bem_Viver_Ailton_Krenak.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- MACAS, L. El sumak kawsay. **Revista Yachaykuna**, Quito, Ecuador, Instituto Científico de Culturas Indígenas (ICCI), n. 13, p. 13-39, jun. 2010.
- MIGNOLO, W. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 35-54.
- MONTEIRO, L. N.; BORGES, L. C. Para narrar o céu e converter almas: Padre Antonio Ruiz de Montoya e o estudo da língua Guarani - séculos XVI-XVII. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26, 2011, São Paulo. **Anais** [...] São Paulo: Anpuh, 2011.
- MUNDURUKU, D. **Das coisas que aprendi**: ensaios sobre o Bem-Viver. 2. ed. Lorena: DM Projetos Especiais, 2019.

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10-48

MUNDURUKU, D. O que a teoria do bem viver dos povos indígenas nos ensina sobre o presente. [Entrevista cedida a] Angélica Ksyvickis Huck. **Portal Uol**, 8 ago. 2022. Disponível em: <<https://minabemestar.uol.com.br/teoria-do-bem-viver-povos-indigenas/>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

REGAZZONI, Q. A relação entre o Reino pregado por Jesus e o conceito de Vida Boa dos povos indígenas. [Entrevista cedida a] Moisés Sbardelotto. **Revista IHU On-line**, São Leopoldo, ano 10, n. 340, p. 19-21, 2010.

ROSA, L. C. D. Bem viver e terra sem males: a cosmologia dos povos indígenas como uma epistemologia educativa de decolonialidade. **Educação Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 298-307, maio 2019. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-25822019000200298&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 ago. 2023.

SAHAGOFF, A. P. Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. *In*: SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – SEPESQ, 11., 2015, cidade. **Anais [...]**. Cidade: Centro Universitário Ritter dos Reis, 2015. Disponível em: <https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/879/1013.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2023.

SOLÓN, P. **Alternativas sistêmicas**: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

YAMPARA, S. O bem-viver como perspectiva ecobiótica e cosmogônica. [Entrevista cedida a] Moisés Sbardelotto. **Revista IHU On-line**, São Leopoldo, ano 10, n. 340, p. 19-21, 2010.

Recebido em: 06/09/2023

Aprovado em: 25/10/2023

Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal – Marcos José de Aquino Pereira; Anacleide Assunção Costa Aguiar Dessano; Ana Paula Alves da Silva Wassu-Cocal; Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa; Josineide Jacilda da Silva Atikum; Elynaide Cinthia da Silva Julião Pankararu – p. 10–48